

## *A instituição, os organizadores e os participantes: as múltiplas perspectivas do evento de música católica Hallel Maringá-PR (1995-2019)*

Vanda Fortuna Serafim<sup>1</sup>

Mariane Rosa Emerenciano da Silva<sup>2</sup>

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i42.57884>

**Resumo:** O presente artigo discorre sobre a história do Hallel, um evento de música católico, que teve a primeira edição realizada em Maringá, em 30 de julho de 1995, totalizando 25 edições até o ano de 2019. Compreendemos que analisar o Hallel consiste em, no mínimo, articular três grupos: a instituição (Igreja católica), os organizadores (Projeto Mais Vida) e os participantes (público geral). Por meio da pesquisa documental com o jornal O Diário do Norte do Paraná, os relatos orais e a pesquisa de campo, observamos que as motivações para aderir ao evento de música são diversas, entretanto, se assemelham no que tange a busca pela experiência com o sagrado.

**Palavras-chave:** Catolicismo; Grupos; Hallel Maringá-PR

### **The institution, organizers and participants: multiple perspectives of the catholic music event, Hallel Maringá-PR (1995-2019)**

**Abstract:** This article discusses the history of Hallel, a catholic music event, which had its first edition held in Maringá, on July 30th, 1995, totaling 25 editions until 2019. We understand that analyzing Hallel consists of articulating three groups, at least: the institution (Catholic Church), the organizers (Projeto Mais Vida) and the participants (general public). Based on documentary researches of the newspaper O Diário do Norte do Paraná, oral reports and field researches, we have observed that there are diverse

<sup>1</sup>Professora Adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em História das Crenças e das Ideias Religiosas (HCIR/UEM) e do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades. Email: vfserafim2@uem.br

<sup>2</sup>Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Membro do Grupo de Pesquisa em História das Crenças e das Ideias Religiosas (HCIR/UEM) e do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades. Email: marianer.emerenciano@gmail.com

motivations for joining the music event, but they all resemble the search for experience the sacred.

**Keywords:** Catholicism; Groups; Hallel Maringá-PR

### **La institución, organizadores y participantes: múltiples perspectivas del evento de música católica, Hallel Maringá-PR (1995-2019)**

**Resumen:** En este artículo pretendemos exponer sobre el Hallel em Maringá, un evento de música católica que tiene su primera edición celebrada en la ciudad el 30 de julio de 1995, totalizando 25 ediciones hasta el año 2019. Entendemos que analizar Hallel consiste en una mínima articulación tres grupos: la institución (Iglesia Católica), los organizadores (Projeto Mais Vida) y los participantes (público en general). A través del periódico O Diário do Norte do Paraná, relatos orales e investigación de campo, observamos que las motivaciones para asistir al evento musical son diversas, sin embargo, son similares en cuanto a la búsqueda de experiencia con lo sagrado.

**Palabras clave:** catolicismo; Grupos; Hallel Maringá-PR

*Recebido em 26/02/2021 - Aprovado em 17/07/2021*

### ***Um evento de música católica em Maringá***

*Hallel* é uma palavra que está presente no livro dos Salmos, de origem hebraica que significa “Aleluia” e “Canto de Louvor a Deus”<sup>3</sup>.

O presente artigo contém resultados parciais da pesquisa desenvolvida entre 2014 a 2020, vinculada ao Departamento de História (DHI) e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Maringá (PPH) sobre a história do Hallel em Maringá. A pesquisa em questão buscou historicizar as edições do evento de música católica que ocorreram na cidade, entre 1995 a 2019, chamado Hallel. Durante os estudos, identificamos no mínimo três grupos, a instituição (Igreja Católica), os organizadores (Projeto Mais Vida) e os participantes (público em geral, majoritariamente jovens e católicos). Maringá é uma cidade que está localizada no noroeste paranaense. Nesse sentido, nosso objetivo é perceber a articulação desses três grupos, que colaboram

<sup>3</sup> MASSALI, Fábio. Uma presença constante. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá. p. D-2, 3 e 4 de set. de 2006.

para compreensão do cenário religioso na contemporaneidade, na cidade. Para pensar esse cenário religioso, partimos principalmente de Danièle–Hervieu Léger (2018), que entende a modernidade religiosa, associada ao século XX, como a individualização e a diversificação, que consiste em trajetórias de identificação e adesão do crer religioso seguindo a lógica da “bricolagem”<sup>4</sup>.

Antes de apresentarmos o Hallel em Maringá, faz-se necessário algumas ressalvas sobre a cidade de Maringá e o catolicismo. Elevada a município oficialmente em 10 de maio de 1947, está localizada no noroeste paranaense. A cidade é divulgada sob o signo de moderna, planejada estrategicamente em suas ruas e avenidas e na construção da Catedral na área central. A ideia de habitar a região foi concebida por um tempo a partir do empreendimento da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP)<sup>5</sup>, que por sua vez atribuiu poder a Igreja católica com assuntos como educação e saúde, destacando ainda a figura de Dom Jaime (1957-1997) o primeiro bispo e arcebispo da cidade.

---

<sup>4</sup> No decorrer do século XX, é visível a perda progressiva de católicos em Maringá<sup>4</sup>. Os censos mostram que já em 1991 a cidade possuía 77,41% declaram-se católicas. Já no ano 2000 70,41% e em 2010 64,83%. Quando se trata do cenário religioso na contemporaneidade Hervieu-Léger (2008) ressalta que esse cenário tem como grande influenciadora a teoria da secularização, que desenvolveu traços específicos nesse período e foi associada ao enfraquecimento social e cultural da religião. Nesse sentido, ao tratar das identidades religiosas na Europa e da religiosidade dos jovens europeus, Hervieu-Léger (2008) formulou a hipótese de que os processos de identificação religiosa nas sociedades modernas passam pela combinação livre de quatro dimensões típicas que a regulamentação institucional não articula entre elas, ou articula cada vez menos, e que conseguimos verificar no contexto de Maringá e sua relação com a Igreja católica. A primeira é a dimensão comunitária, que “[...] representa o conjunto das marcas sociais simbólicas que definem as fronteiras do grupo religioso e permite distinguir ‘aqueles que são do grupo’ daqueles que não são” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.66). Uma segunda dimensão é a da aceitação por parte do indivíduo dos valores ligados à mensagem religiosa trazida pela tradição particular – a *dimensão ética* da identificação com os valores da mensagem. Uma terceira dimensão da identificação é a dimensão cultural, que reúne o conjunto dos elementos cognitivos, simbólicos e práticos que constituem o patrimônio de uma tradição particular, associadas ao sistema de crenças, à arte, às produções estéticas e aos conhecimentos científicos desenvolvidos em relação às crenças. Já a quarta dimensão da identificação é a emocional, que diz respeito à experiência afetiva associada à identificação e à experiência religiosa (HERVIEU-LÉGER, 2008).

<sup>5</sup> “A narrativa comum a todas as produções é o fato de Maringá ser resultado do planejamento da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), empresa de raízes britânicas, com uma administração realizada por empresários paulistas, quando estes compram os direitos sobre as terras que seriam conhecidas como Norte Novo paranaense. O município cresceu exponencialmente, graças à contribuição de populações oriundas de todo Brasil, como também, e principalmente, da Europa e do Japão. Tal progresso não seria possível sem presença da Igreja católica, que providenciaria à sua população maringaense, as condições básicas de qualidade de vida” (GONZAGA, 2018, p.20).

É possível dizer, como relata Giovani Marrafon Gonzaga (2018) que a história de Maringá é também atrelada à composição memorialista de uma cidade católica e cristã desde sua formação e que deve seu exponencial progresso à presença da Igreja. A ocorrência dessa visão, segundo Gonzaga (2018) pode ser atribuída ao conceito de “memória coletiva”, considerando que essas representações do passado apresentam recorrência e repetição sobre um grupo significativo de pessoas. Maringá “está atrelada à história do estabelecimento da Igreja católica na cidade, traçando um perfil do maringaense associado a uma identidade católica pioneira” (GONZAGA, 2018, p.29).

O Hallel em Maringá-PR é um evento de música que reunia uma vez por ano, em final de semana predeterminado, pastorais, movimentos e frentes distintas da Igreja católica no Parque de Exposições Francisco Feio Ribeiro, com diversas atividades, seja por meio da música e do teatro, seja com pregações. Essas atividades ocorriam em módulos, que eram locais montados para essas frentes interagirem com o público visitante. O Hallel começou a ser realizado em Maringá no ano de 1995, totalizando 25 edições até 2019; não tinha uma data fixa, mas sua realização foi contínua entre esses anos. Os principais organizadores e coordenadores do evento na cidade são membros do Projeto Mais Vida, um movimento leigo<sup>6</sup> da Arquidiocese de Maringá, com apoio institucional. Apesar de ser um evento aberto para todas as idades e religiosidades, a maioria dos visitantes eram jovens e católicos, que procuravam atividades religiosas com menor teor tradicional, como os *shows* musicais (EMERENCIANO DA SILVA, 2020).

Compreender a história do Hallel em Maringá nesses mais de 20 anos não é possível se não levarmos em consideração a história da própria cidade e sua construção identitária em torno do catolicismo. Mais do que isso, é preciso compreender que esse fenômeno religioso, aqui tomado como objeto, não é um movimento isolado da Igreja católica em Maringá, mas uma estratégia por parte dessa instituição em razão da perda de fiéis nas últimas décadas – especialmente entre os jovens. O Hallel não é um evento restrito a Maringá, de fato, a primeira edição, a nível de Brasil, foi realizada em Franca-SP,

---

<sup>6</sup>Ao tratar do campo religioso, Pierre Bourdieu (2001) aponta a influência da racionalização e da divisão do trabalho na religião – esta se mantém como resultado da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialista religiosos. Enquanto de um lado há os detentores do monopólio da gestão do sagrado, do outro temos em oposição os leigos, que são aqueles que não possuem o capital religioso, ou seja, não têm um trabalho simbólico acumulado. Podemos concluir, nas perspectivas de Bourdieu (2001), que são os especialistas de um corpo de religiosos que acumulam o conhecimento simbólico por meio de seu trabalho, os sacerdotes. Ao nosso ver, são aqueles que escolhem o sacramento da ordem na Igreja católica, enquanto os leigos são todos os que recebem esses conhecimentos e não exercem a religião como profissão. Vide: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

em 31 de julho de 1988, período em que o grupo Renovação Carismática Católica<sup>7</sup> (RCC) completaria 10 anos nesta cidade<sup>8</sup>. Foi quando Maria Theodora Lemos Silveira<sup>9</sup> (2007, p.13), conhecida como Tia Lolita, teve a ideia de criar um espaço para que os jovens louvassem a Deus ao ar livre. A proposta inspirou-se no festival Rock in Rio, mas com intuito de levar a juventude para perto de Deus, e essa associação com o evento carioca indica o gosto musical dos filhos de Silveira e a consequente adaptação do estilo às letras cristãs:

No primeiro Hallel, não havia muitas bandas católicas, tivemos dificuldades para descobrir três bandas de fora e duas de Franca. Veio uma banda de São José do Rio Preto, uma de Londrina e outra de Maringá. Aliás, a primeira a se apresentar, na qual meu filho mais velho fazia parte, o Marcelo, eles mudaram o repertório para músicas cristãs. Outra de Franca, Água Viva, que outro filho meu fazia parte, o Mauro, estava iniciando seu ministério. Mas nada impediu de acontecer o Hallel, que na nossa cabeça seria só um ano, mas no projeto de Deus, ainda não sabemos até onde irá. Aos poucos as bandas foram surgindo, já não era

---

<sup>7</sup> A RCC surge no Estados Unidos por volta de 1967, com uma abordagem pentecostal, da ação Espírito renovando e convertendo os católicos. “De forma sucinta a organização dos da RCC é por meio dos grupos de oração, com encontros semanais que têm como base “a oração, sob várias formas: louvor, ação de graças, orações contemplativas, orações em línguas, petições de graça e cura; os cânticos, que são uma forma de oração; o silêncio; o exercício dos dons carismáticos; as leituras da Bíblia; os testemunhos e as partilhas” (PRANDI, 1998, p. 35). Diz Prandi (1998, p.53) que em 1978, quando João Paulo II assume o papado, as tendências conservadoras ganham espaços mais férteis. O apoio que a RCC encontrou no Vaticano com João Paulo II, principalmente na América Latina, em grande medida é devido ao grupo assumir uma perspectiva que assume a luta contra o Pentecostalismo de Cura Divina, e contra a Teologia da Libertação. As atividades espirituais desse grupo muitas vezes consistem em orações e cantos que transformam o local em um ambiente festivo, uma experiência de êxtase com o sagrado, retiros, cenáculos, além de *glossolalia*. O que não demora para constituir uma nova “cara” ao catolicismo de cantores católicos e padres midiáticos, que inicialmente partem desses grupos carismáticos e posteriormente abre espaço para visibilidade dessa relação estreita entre música e evangelização. Além da presença destes nas TVs e nas rádios. Os movimentos carismáticos segundo Prandi (1998) se mostravam capazes de encher novamente as igrejas, com fervor e devoção.

<sup>8</sup> ALVES, André Luis Centofante. *A gestão social na atividade educacional religiosa: o caso da Hallel Escola no Brasil*. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. 200f. Franca, 2016.

<sup>9</sup> SILVEIRA, Maria Theodora Lemos (Org.). *Hallel – som e vida: 20 anos! uma história a ser contada e cantada*. Franca: Hallel, 2007.

só apresentação no palco, mas também evangelização nos espaços, que chamamos de módulos. Fomos conhecendo os pregadores de Franca e de outras cidades. (SILVEIRA, 2007, p.17).

Depois da primeira edição na cidade do interior paulista, o segundo Hallel foi realizado em 1993, dessa vez em Guadalajara, no México. Já em 1994, de volta ao Brasil, o evento ocorreu em Piraju-SP, seguido de Brasília-DF, Rio de Janeiro-RJ, São Paulo-SP, Cuiabá-MT, Curitiba-PR, Maringá e Porto Alegre-RS em 1995. Em 1996, apenas Brasília, Maringá e Paracatu<sup>10</sup> continuaram. Chegando ao século XXI, mais precisamente em 2003, mais cidades brasileiras promoveram o Hallel, e em 2005 e 2006 o evento passou a ocorrer, respectivamente, nos Estados Unidos e na Colômbia. O Hallel também tem edições em países da África<sup>11</sup>.

A expansão do Hallel para as outras cidades ocorre principalmente por meio da Evangelização 2000, uma campanha de oração lançada para promover a “Década de Evangelização” – do Natal de 1990 até o Natal de 2000. A intenção era converter o máximo possível de católicos, ou seja, reaproximá-los da religião. “Quase 4 mil casas de meditação e 1.400 indivíduos e grupos e intercessão foram abordados neste sentido apenas em 1988”, discorre David Jacobus Bosh (2002, p.634). (EMERENCIANO, 2020)

Nesse período, alguns jovens da Igreja católica de Maringá também participavam de encontros referentes à Evangelização 2000 e à discussão de novos meios de evangelização. Esses jovens leigos, que começaram a realizar acampamentos católicos em 1992, passaram a compor o Projeto Mais Vida e foram convidados pelo Hallel de Franca para organizar uma edição maringaense. No entanto, apenas Maringá e Brasília, primeiras cidades a serem capacitadas para receber o evento em 1995, deram continuidade em 1996. Cada uma delas o promoveu de maneira independente, mas com

<sup>10</sup> Na obra não é citado em que ano a cidade de Paracatu começou a realizar o Hallel.

<sup>11</sup> Desde 1995 essa organização de Franca que hoje é a Escola Hallel, possui a marca registrada para evento, editora, grife [camisetas, bonés, etc.] e gravações [Hallel Records]. Para manter o carisma do Hallel, seja o evento ou a Hallel Escola, temos a patente do nome Hallel, nos itens mencionados. Nós promovemos já, há muitos anos, no começo de cada ano, um curso de capacitação para fazer o evento Hallel. As cidades interessadas enviam uma equipe de três e cinco que enviam a autorização do bispo, por escrito, principalmente músicos. É vontade do Senhor que haja Hallel em muitos lugares, mas é também necessário entrar no Projeto Unidade, para mantermos o vínculo de pertença, mesmo respeitando as diferenças regionais e a orientação pastoral da diocese. Conferimos uma autorização por escrito, assinada pelo nosso bispo, diretor espiritual e presidente da Associação Diocesana Nova Evangelização João Paulo II. (SILVEIRA, 2007, p.132).

similar concepção a respeito dos módulos, de iniciar a festa com a missa e encerrá-la com a Benção do Santíssimo.

Diante das questões apresentadas é necessário ressaltar que cada Hallel é realizado de forma autônoma, seguindo as características base, além da autorização da hierarquia da Igreja católica. Cada lugar tem suas particularidades, visando a demandas locais. Por exemplo, em Franca o evento começou com a RCC, com algumas edições durando até 4 dias; já em Maringá, sendo encabeçado pelo Projeto Mais Vida, - que não é um grupo de oração da RCC, e sim um movimento distinto - o Hallel iniciou com duração de 1 ou 2 dias. Percebemos, desse modo, como as diversas características que o evento assume dentro de cada localidade marcam sua historicidade, e em Maringá isso não foi diferente.

No que tange os movimentos de incorporação dos leigos na retransmissão da tradição católica Brenda Carranza e Cecília L. Mariz (2009), apontam que com a descristianização e a descatolização da sociedade, algumas perspectivas começam a ser reformuladas. Para quanto às medidas da Igreja católica com fiéis e leigos, o papa Leão XIII, já em 1980, com a encíclica *Rerum Novarum*, propõe uma reorganização da base social do catolicismo. Segundo as autoras, florescem no século XX associações laicais e movimentos eclesiais, incorporando os leigos na retransmissão da tradição da Igreja católica e na missão de evangelizar. Já na segunda metade do mesmo século os movimentos vinculados às CEBs e à RCC se expandem no Brasil, tendo o segundo características bem acentuadas, como uma performance mais modernizada de danças, expressões corporais e cantos, que “fizeram da oração e do louvor um elemento poderoso de atração dos fiéis oriundos de todas camadas católicas, configurando um novo catolicismo de massas que apostava na cultura midiática como meio de reinstitucionalizar os afastados da Igreja” (CARRANZA; MARIZ, 2009, p.142-143).

Essas manifestações de um catolicismo mais carismático, ainda com base em Carranza e Mariz (2009), dão outras características para a prática no Brasil, voltando a lotar novamente as igrejas. Outra questão marcante nesse cenário são os padres midiáticos, que cantam e apresentam programas de rádios e televisão. Podemos considerar que tais manifestações, principalmente a atuação leiga mais carismática, surgem como meios de contenção de uma perda de fiéis cada vez mais latente na instituição, e ainda, uma tentativa de reaproximação dos católicos com a instituição.

Podemos mencionar que o Hallel surge de movimentos leigos, que estão inseridos em novas demandas históricas e sociais. Em Maringá o evento é resultado de uma necessidade em buscar métodos para uma maior participação de fiéis na prática católica, pois, nesse caso, os jovens parecem receber mais atenção. A música, os acampamentos, os encontros e retiros, a realização de megaeventos, tudo isso surge como

alternativa, e os grupos que realizam tais atividades ganham espaço e apoio institucional. Um exemplo interessante são os “barzinhos de Jesus”. Carranza Dávila (1998, p.44) afirma que em meados de 1980, com esses barzinhos, surge um ambiente com “[...]músicas cantadas em ritmo de *rock*, samba e *heavy* metal e com inspiração na música Gospel trazida ao Brasil em 1989, pelas Igrejas Evangélicas, dão o tom convocatório aos jovens para rezarem e louvarem a Deus festivamente”. Lá as pessoas comiam, bebiam e cantavam com Jesus, ainda de acordo com Dávila (1998). Nesse sentido, o Hallel em Maringá é um catolicismo festivo, emocional e carismático.

Atentando ao Hallel de Maringá, esse acontecia anualmente em final de semana predeterminado. Pastorais, movimentos e frentes distintas da Igreja católica se reuniam no Parque de Exposições Francisco Feio Ribeiro, com diversas atividades, seja por meio da música e do teatro, seja com pregações. Essas atividades ocorriam em módulos, locais montados para essas frentes interagirem com o público visitante. Dentre os módulos podemos citar exemplos, como o Módulo Maria, Família, Namoro, Hallelzinho, Pregadores, Confissão, Jovem, Arte, RCC, Palco Central, Capela do Louvor e Capela do Silêncio. Não tinha uma data fixa, mas sua realização foi contínua entre esses anos. Apesar de ser um evento aberto para todas as idades e religiosidades, a maioria dos visitantes eram jovens e católicos, que procuravam atividades religiosas com menor teor tradicional, como os *shows* musicais. Dentre os movimentos, grupos e movimentos que apresentavam atividades no evento podemos citar: O Projeto Mais Vida, a RCC, a Pastoral dos Surdos, Pastoral Adolescentes, os Vicentinos, Movimento Família Cristã, Infância Adolescência Missionaria, além de padres e seminaristas diocesanos. Também ressaltamos quem em algumas edições, os beneditinos, franciscanos, clarissas, os Arautos do Evangelhos, estavam em estandes montados no Pavilhão Azul, interagindo com o público visitante.

Como já mencionado, as edições realizadas em cada cidade são independentes, entretanto, todas elas possuem a configuração em módulos, de iniciar a festa com a missa e encerrá-la com a Benção do Santíssimo, além da autorização da Diocese, ou seja, respeitam a hierarquia institucional. Mas como veremos no decorrer desse texto apenas a autorização não pode ser vista com um fator de continuidade e permanência de um evento como o Hallel, que em Maringá já movimentou mais de 120 mil participantes. E nas últimas edições estimou-se cerca de 50 mil participantes.

Nesses mais de 20 anos de Hallel em Maringá não podemos perder de vista que a história da própria cidade e sua construção identitária ocorrem em torno do catolicismo. Mais do que isso, é preciso compreender que esse fenômeno religioso, aqui tomado como objeto, não é um movimento isolado da Igreja católica em Maringá, mas uma estratégia

por parte dessa instituição em razão da perda de fiéis nas últimas décadas – especialmente entre os jovens.

Amparadas por tais questões, entendemos que compreender o Hallel consiste em articular, no mínimo, três grupos distintos: a instituição (Igreja católica), os realizadores (Projeto Mais Vida) e os participantes (distintos grupos). Neles há proximidades e distanciamentos, mas sobretudo motivações homogêneas, centradas na experiência no sagrado. Para tanto, nesse artigo trazemos três momentos. O primeiro partindo principalmente do *O Diário do Norte do Paraná*, *Livro Tombo da Arquidiocese*, no qual verificamos um discurso normatizador por parte da Igreja católica. O segundo por meio dos relatos de Olavo Araújo Rodrigues Júnior, Mauro Menegazzo Pereira Silva, Cirlei Ganeo e Alberto Haddad, todos membros do Projeto Mais Vida e diretamente vinculadas a realização do evento durante as 25 edições do Hallel. E por último, os participantes, no qual tivemos contato por meio de pesquisas de campo realizadas entre os anos de 2014-2019.

### ***O discurso oficial: a instituição***

Para realização do Hallel na cidade de Maringá, é necessário a autorização do bispo ou arcebispo da paróquia, isso significa que durante as 25 edições realizadas na cidade, todas foram autorizadas, além de que, houve um esforço da Arquidiocese em demonstrar esse apoio. Desde o começo, os organizadores na cidade receberam o apoio de seus arcebispos, suporte este encontrado nas entrevistas e matérias publicadas no *O Diário do Norte do Paraná*, com Dom Jaime (1957-1997), Dom Murilo (1997-2002) e Dom Anuar (2004-2019)<sup>12</sup>.

O jornal *O Diário do Norte do Paraná*<sup>13</sup> é uma das nossas principais fontes de pesquisa, principalmente ao analisarmos sobre o discurso institucional. Ao nosso ver não é estranho que notícias sobre as práticas católicas circulem na cidade por meio do *O Diário*, já que o arcebispo Dom Jaime publicava dominicalmente no periódico. Aspecto esse de relevância ao considerarmos que o periódico mantém uma relação estreita com a Igreja Católica, como é constatado por Gonzaga (2018) ao apontar que a instituição católica em Maringá possui um papel no controle de veículos de comunicação.

<sup>12</sup> Para conhecer melhor a trajetória dos bispos vide: EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Catolicismo e juventude: a história do Hallel em Maringá-PR* (1995-2019). 164f. dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. -- Maringá, PR, 2020.

<sup>13</sup> Para conhecer melhor a história do jornal e sua relação com a cidade e linha editorial vide: EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Catolicismo e juventude: a história do Hallel em Maringá-PR* (1995-2019). 164f. dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. -- Maringá, PR, 2020.

O jornal *O Diário do Norte do Paraná* é inaugurado em 29 de junho de 1974, por Joaquim Dutra e Samuel Silveira, quando ambos haviam rompido a sociedade de 10 anos com Dom Jaime que fundara a *Folha do Norte do Paraná* (1962- 1979) - o primeiro jornal episcopal do Sul do Brasil -. Mesmo que com uma separação possivelmente conflituosa Dutra, Silveira e Dom Jaime seguiriam com relações estreitas. *O Diário* tornou-se um dos principais veículos de publicidade sobre o Hallel em Maringá nos anos iniciais. Mantendo uma relação de permuta com o evento católico até o ano de 2018, ou seja, o jornal apoiava midiaticamente o evento em Maringá. Em contrapartida, o evento divulgava o jornal, seja nos *outdoors*, publicidade em internet, televisão e em *banners* pendurados no evento<sup>14</sup>. Nos referirmos sobre essa relação até o ano de 2018 em decorrência de que, em 14 de abril de 2019 é decretado a falência do jornal.

Apesar do decreto de falência, em 44 anos de circulação, o jornal foi considerado o terceiro maior jornal do Paraná, e a escolha pelo jornal enquanto fonte está vinculada à sua significativa circulação na cidade e região de Maringá e ao fato de se tratar de um jornal maringaense que nos aponta quais acontecimentos podem ser vistos como dignos de se tornar notícia, sendo essencial analisar quais os fatores, as motivações que levam a escolha dessas notícias. Se por um lado, tem-se a intencionalidade de publicações sobre notícias que causem interesse ao público, é necessário, por outro lado compreender que os responsáveis pela linha editorial, e seus principais colaboradores, inquerem ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros (DE LUCA, 2008, p.140). A cooperação entre *O Diário* e a Igreja católica pode ser compreendida dentro de um contexto de interesses financeiros e também de circulação das tiragens das edições, levando em conta que o público leitor era tradicionalmente católico (GONZAGA, 2018, p. 40).

Como já ressaltamos, nas páginas do jornal era comum os arcebispos da cidade escreverem artigos de opinião. Além disso, próximo as datas do evento havia informações sobre o Hallel, ao passo que constatamos uma narrativa oficial sobre o Hallel por meio do periódico em questão. Em 30 de julho de 1995 escrevia Dom Jaime

diante desta floração maravilhosa a enriquecer a igreja de Deus vemos, neste final de século, o despertar da consciência na busca de um sentido exato e certo na vida. De um lado – é verdade – cresce a onda de crimes, de corrupção nos meios governamentais, de degradação da

---

<sup>14</sup> As informações sobre a relação entre *O Diário* e o Hallel foram narradas em entrevistas pelos organizadores do evento.

pessoa humana, de vilipêndio das coisas nobres sustentado até por pessoas que dizem “de bem”, do aumento da miséria moral e quejandos. (DOM JAIME, 1995, p.2).

O arcebispo conclui que essa miséria moral era causada pelo afastamento dos indivíduos da Igreja e da procura por Deus, consequência do secularismo. Não era estranho que o arcebispo argumentasse que isso fosse o principal fator de afastamento dos homens de Deus, já que seria um conceito utilizado para se referir à procura dos indivíduos por explicações de vivência de realidade que não perpassassem mais a instituição católica, o que denota o enfraquecimento do poder da Igreja. Desse modo, afirma Dom Jaime (1995, p.2): “é o pecado, isto é real, e o afastamento de Deus que leva a esse secularismo, a perda do sagrado”. Mas, se por um lado ocorre essa perda, por outro ainda há pessoas que procuram disseminar o evangelho.

Daí, para contrabalançar, aqueles que encontram Deus em sua vida não medem esforços para levá-lo, também, aos irmãos. São João, no Evangelho, diz que o “Espírito sopra onde quer” [Jo 3,8]. E esse “soprar” do Espírito que faz crescer, no campo da Igreja, os diversos movimentos e maneiras de como falar com Deus. De como d'ELE se aproximar e de como tudo fazer para torná-lo conhecido. Uma vez conhecido, amado. Uma vez amado, fazer a sua Santíssima Vontade. (DOM JAIME, 1995, p.2).

As palavras do arcebispo demonstram uma legitimação em relação ao Hallel, marcando *a priori* o contexto do secularismo e a posição da Arquidiocese sobre esse aspecto, e sobretudo apresentando o evento como um meio de manutenção de uma das práticas católicas, o que nos leva a outro aspecto fundamental: seu direcionamento para a juventude. Conforme Dom Jaime (1995, p.2), “de modo especial, entre os jovens nasce um novo fervor apostólico e descoberta de Deus, da sua Igreja, do Senhor Jesus, ‘o mesmo ontem, hoje e pelos séculos’ (Hb 13,8)”. “O Papa João Paulo II, na Carta Tertio Millenio Adveniente, diz: ‘Se os jovens souberem seguir o caminho que Jesus indica, terão a alegria de dar o próprio contributo para a presença d’Ele no próximo século e nos sucessivos, até a conclusão dos tempos’” (DOM JAIME, 1995, p.2). A carta a que faz referência, escrita em 10 de novembro de 1994 pelo Papa João Paulo II (1978-2005),

propõe a preparação para o ano 2000, o Jubileu, questão essa apontada também no discurso de Dom Murilo Krieger, que viria a substituir Dom Jaime. No entanto, quanto à epístola do então sumo pontífice, esta aponta algumas questões históricas sobre o cristianismo, no qual dá grande foco ao Concílio Vaticano II e às propostas a que o concílio veio a se debruçar em relação aos novos tempos.

Dom Jaime ainda que ressalta o local que surgiu o evento, “Surgido na cidade de Franca-SP, em 1988, quis um grupo de jovens daquela cidade paulista propor à juventude, nos moldes do ‘Rock in Rio’, na época”. (DOM JAIME, 1995, p.2). Mesmo indicando que o Hallel era inspirado no evento carioca, em seguida o arcebispo faz questão de diferenciá-lo: “Mas com uma concepção diferente, uma maneira nova e clara de Evangelização. Crescendo sempre em interesse e número de participantes, o Hallel 1994, em Franca, reuniu 40.000 pessoas” (DOM JAIME, 30 de jul. de 1995, p.2). Essa primeira matéria, traz a luz o público-alvo do Hallel, a juventude. Os debates traçados pela instituição sobre esse grupo não eram inéditos, as conferências como as Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Celam) em Medellín (1968), seguindo por Puebla (1979) e Santo Domingo (1992), já expunham questões sobre esses, mesmo de forma mais tímida, e posteriormente enfatizada com maior força na Conferência em Aparecida (2007). Para além, documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil CNBB, como *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais* (2007). E a carta, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (2017), sugere interesse permanente da Igreja católica em relação aos jovens. Nos primeiros documentos sugerindo que a juventude era um dos grupos mais suscetíveis a manipulação, paulatinamente, os documentos sugerem uma Igreja mais acolhedora e flexível a cultura jovem, com atividades que atraíam esse grupo<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Nesse contexto, recordamos que em 1985, proclamado pela Organização das Nações Unidas (ONU) o Ano Internacional da Juventude, o papa João Paulo II escreveu a carta apostólica *Dilecti Amici*. Em seu escrito, o sumo pontífice discorre sobre o futuro estar na juventude, o que corresponde a pensar as categorias humanas transitórias e as categorias éticas segundo as exigências de responsabilidade moral (JOÃO PAULO II, 1985, p.2). Sobre os jovens, o papa declara que são “[...] a riqueza de descobrir e ao mesmo tempo programar, escolher, prever e assumir como próprias as primeiras decisões que terão importância para o futuro na dimensão estritamente pessoal da existência humana”<sup>15</sup> (JOÃO PAULO II, 1985, p.4). Como mensagem final o papa convida os jovens a se reunirem na Praça de São Pedro, em Roma, no ano seguinte. Em 1986, vários jovens peregrinaram até a capital italiana, dando início às Jornadas Mundiais da Juventude (JM), que viriam a se tornar uma prática recorrente. As JM consistem na visita do papa a uma cidade escolhida, em que, durante a peregrinação dos jovens, são distribuídos materiais catequéticos, mapas de monumentos e locais que marcam a memória católica, além de outras atividades.

No que tange a juventude, a socióloga Cecília L. Mariz (2005) revela que atualmente são os jovens entre 15 e 25 anos de idade os mais secularizados no Brasil, e essa característica é ainda mais forte entre os universitários.

O percentual de universitários que se declaram sem religião tende a ser sempre maior do que o encontrado na população mais ampla [cf. Steil, Alves e Herrera, 2001; Camurça, 2001; Cardoso, Perez e Oliveira, 2001, entre outros]. Os dados revelam também que os jovens católicos são menos praticantes: a proporção dos que se dizem católicos praticantes é menor do que a encontrada em outras pesquisas entre a população mais ampla [cf., por exemplo, Fernandes, 2002]. (MARIZ, 2005, *on-line*).

O que a autora discorre é que esses jovens podem assimilar com mais facilidade uma afinidade com extremos ou experiências radicais. É nesse sentido que ela afirma que a flexibilização das normas sociais e mais recentemente o desenvolvimento das tecnologias permitem as escolhas individuais, que afrontam as definições antes estipuladas pela tradição. Todas essas questões corroboram para compreender como há mais assimilação em eventos e atividades percebidos como diferentes por parte do público jovem. Desse modo, reformular ou formular novas manifestações católicas para a juventude torna-se necessária para manutenção desse grupo dentro do catolicismo.

Nesse sentido, percebemos que o evento também seguia regulamentações específicas da Igreja católica em Maringá até aquele momento, que é justificar as ações da instituição para com os movimentos leigos por meio de cartas episcopais, buscando uma homogeneização da prática católica com base na hierarquia e nos documentos da Santa Sede. Dom Jaime utiliza *O Diário* para escrever a um público católico o que era o Hallel e que o evento seguia bases de pronunciamentos do papa João Paulo II.

A atuação da Igreja católica no Hallel e o apoio são ainda evidenciados no *Livro Tombo da Arquidiocese de Maringá*, no *Livro* é evidenciado a Igreja também atua no evento por meio da celebração da missa, além de apontar que as diversas atividades propostas pelo Hallel iam além da música e dos *shows*, pois diferentes pastorais, movimentos e espiritualidades que pertencem à Arquidiocese coordenavam e contribuíam com pregações, exposições, orações, ou seja, era um grande encontro de várias pastorais e movimentos que expunham suas atividades para um grande público. E a última frase do relato indica expectativas sobre o evento: “por ser uma experiência nova na evangelização

de massa, parece projetar muitos frutos no trabalho evangelizador” (LIVRO TOMBO 2, 1995, p.109).

Essa característica de normatização por meio das bases hierárquicas da instituição, pode ser percebida na relação entre leigos e Igreja na cidade de Maringá. Selson Garutti (2006, p.89), Dom Jaime passou a difundir certos cultos romanizados, como a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e os grupos Filhas de Maria e o Apostolado da Oração. Um de seus argumentos para sustentar o processo de instalação desses cultos foi que “Tais festas religiosas tradicionais haviam sofrido um desvirtuamento, tornando-se manifestações secularizadas transformando-se em oportunidades de lazer onde o foco de interesse externo havia suplantado os atos religiosos no interior da Igreja” (GARUTTI, 2006, p.89). A tentativa de Dom Jaime, além do pecuniário, acaba por conceber uma ideia de hierarquização, para que os fiéis dessem a devida importância ao vínculo da unidade a toda a hierarquia eclesial.

Garutti (2006) entende como eficaz a ideia de uma mentalidade romana hierarquizada na pastoral, já que, ao romper com o devocionismo, “passou a se manter pela institucionalização hierárquica constituída por uma pastoral sacralizada, em que se precisava de um ministro consagrado para fazer acontecer o rito sacramental” (GARUTTI, 2006, p.90). Além disso, o arcebispo ainda podia delegar

a função de assessor de uma determinada pastoral específica e/ou movimentos [com a introdução destes na pastoral orgânica da Igreja, tais como Cursilho da Cristandade, a Renovação Carismática Católica, o Movimento Mariano, o Movimento Familiar Cristão etc.]. (GARUTTI, 2006, p.92).

Isso significa que mesmo os movimentos mais autônomos da instituição eram assessorados e acompanhados por alguma figura autorizada pela instituição. Considerando que os mais diversos grupos de leigos começavam a florescer já em meados de 1960, essa ação de Dom Jaime em procurar romanizar e hierarquizar a Igreja católica em Maringá desenvolve também o processo histórico de formação pastoral da cidade, organizando também os leigos “[...] através de ‘normatizações’ pastorais, entre elas, a construção de novas paróquias calcadas nos moldes de um ideário pastoral sacralizado, rompendo com possíveis tradições de remanescentes de irmandades e/ou grupos similares” (GARUTTI, 2006, p.93). Diversas pastorais, grupos e movimentos leigos apresentam essa característica assessorial, e principalmente a participação de figuras autorizadas pela instituição, sejam pessoas do próprio clero, ou mesmo leigos, como apontaremos no decorrer do texto.

Tal apontamento reforça a ideia não apenas do apoio da Arquidiocese de Maringá em relação ao Hallel, mas a participação da instituição dentro do Hallel. No entanto, não podemos deixar de considerar que o evento não possuía a simpatia de todos os padres ou frentes católicas, entretanto, todos os arcebispos que estiveram em Maringá até 2019 evidenciavam o apoio. Com Dom Murilo e Dom Anuar a participação é evidenciada nas narrativas dos organizadores do Hallel. O primeiro, recordado por Araújo Jr. (2019) e Menegazzo Silva (2019), em um ano em que a edição do Hallel caiu em um dia muito chuvoso e frio, não vendeu muitas bebidas, tendo um prejuízo de cerca de 30 mil reais, arcou pessoalmente com as despesas e autorizou a realização de rifas para que o Projeto Mais Vida o ressarcisse. Já o segundo, é lembrado por Haddad (2019), como sempre presente no pedido de patrocínios, o que daria maior credibilidade ao evento, considerando se tratar de uma autoridade da Igreja católica.

Além disso, o Hallel era um local onde o clero manifestava-se, por meio de palestras nos módulos, por meio dos padres cantores, da celebração de missas, no módulo da confissão, e do encerramento do Santíssimo. Além de marcar seus posicionamentos, recordamos que em 2016, em uma de nossas pesquisas de campo Dom Anuar se posicionava no Palco Central em um Ato Cívico em crítica direcionada à corrupção<sup>16</sup> e ao aborto<sup>17</sup>.

Diante de tais apontamentos, podemos concluir que a Arquidiocese não apenas apoiava a realização do Hallel, mas participava e normatizava o evento. Demonstrava tal participação nos anos iniciais principalmente por meio d'O *Diário*, oficializando um discurso sobre como o Hallel era um evento católico e o que ele procurava responder.

---

<sup>16</sup> Em fins de novembro e começo de dezembro desse ano, aconteciam no cenário nacional algumas questões pontuadas durante a realização do Hallel, e uma delas foi a corrupção, que desde o ano de 2015 ganhava visibilidade, sendo um dos assuntos mais recorrentes do país, principalmente com a operação Lava Jato. LOYOLA, Leandro. Retrospectiva: o ano em que a lava mandou na política. *Época*. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/politica/noticia/2016/12/retrospectiva-2016-o-ano-em-que-lava-jato-mandou-na-politica.html>>. Acesso em: 3 de nov. de 2019.

<sup>17</sup> Outro acontecimento também emergia em 2016, o aborto. Nesse ano, o Supremo Tribunal Federal reacendia a discussão ao decidir por não prender cinco pessoas por terem uma clínica de aborto no Rio de Janeiro. Nesse sentido, na programação houve espaço para um momento cívico no Palco Central. Notícias sobre o assunto: CARTA CAPITAL. O STF descriminalizou o aborto? Entenda. *Carta Capital*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-stf-descriminalizou-o-aborto-entenda>>. Acesso em: 19 de set. de 2016; AMANCIO, Thiago. Decisão de ministros do STF de que aborto não é crime divide entidades. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/11/1837279-decisao-de-ministros-do-stf-de-que-aborto-nao-e-crime-divide-entidades.shtml>>. Acesso em: 3 de nov. de 2019. Os dois assuntos necessitam de uma análise mais profunda, pensando principalmente sobre as sequências de acontecimentos históricos. Entretanto, optamos aqui por não nos debruçarmos na temática.

Nas últimas edições, as que pudemos observar, entre 2014 e 2019, Dom Anuar divulgou em suas redes sociais o evento, seja pelo *Facebook*, seja no *Instagram*, tanto nos seus perfis como nos da Arquidiocese. Percebemos, assim, que o contexto de realização do Hallel apresenta uma diversidade de problemáticas enfrentadas pela instituição, na qual assume “catolicismos”, mas que não deixa de tomar medidas regulamentadoras, o que é comumente articulado pelas instituições, pois, “[...] a oficialização da ideia de criação e da ideia de originalidade apaga a ideia de desvio” (MORIN, 2011, p.39).

### ***A reaproximação com a religião: os realizadores***

Quando nos referimos aos organizadores/ realizadores do Hallel em Maringá nos referimos ao Projeto Mais Vida, que surge nesse contexto de florescimento e crescimento de grupos leigos católicos. O Mais Vida pertence à Arquidiocese de Maringá e realiza acampamentos religiosos para pessoas acima de 21 anos, participa da preparação de missas e de reuniões abertas semanais, além de promover reuniões de formação espiritual e o próprio Hallel.

O grupo surgiu no ano de 1992, quando alguns jovens que participavam do Grupo Cristi – de formação de líderes religiosos e trabalhos de conversão – decidiram criar um novo grupo de evangelização por meio de acampamentos, inicialmente assessorado pelo Pe. Júlio Antonio da Silva. Na entrevista de Araújo Jr., este se refere ao Cristi como uma turma, conduzida por D. Maria das Dores, com vertentes das “novas comunidades”, mas que não tinha uma linguagem puramente da renovação, e ressalta: “*A linguagem dele não era puramente da Renovação, mas também era muito aberto [...], eles tinham uma comunicação com todo mundo ali*” (ARAÚJO JR., 2019).

Araújo Jr. também recorda que naquela época participava dos encontros Evangelização 2000, que contavam com algumas poucas pessoas do Grupo Cristi e da RCC da Arquidiocese de Maringá. O evento reunia pessoas de várias localidades, como Londrina e Apucarana, não mais que cinco de cada cidade. De Maringá, lembra de Ziza, Judite, Lurdinha, Cibele, Mara, Rafael e Álvaro. Nesse contexto, ele fez dois dos seis cursos que a Arquidiocese proporcionou: o Formação Integral do Jovem (FIJ) e o Formação Humana, sendo o primeiro organizado por Tia Lolita<sup>18</sup>. Segundo o psicólogo, em um dos momentos no seminário onde ocorria esses encontros ouviu dizer que teria um acampamento de evangelização, com dinâmicas e barracas de *camping*, e foi quando

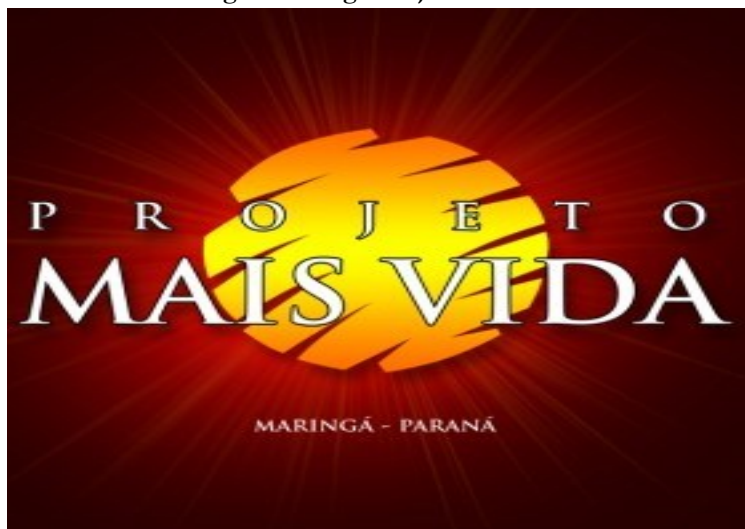
---

<sup>18</sup> Tia Lolita (2017) tem indicativos sobre o período da Evangelização 2000 e parte desse ponto para também explicar o surgimento da Escola Hallel. Depois da realização do I Hallel em Franca, ela teria entrado em contato com Pe. Jonas Boran, da Pastoral da Juventude (PJ), e com a CNBB, em Brasília, órgão responsável pela evangelização dos jovens no Brasil. Com intenção de dar continuidade ao que havia vivido em Franca, ela preparou o FIJ. Vide: ALVES, 2017, p.166.

teve o primeiro contato com tal prática. Foi em Franca que ele foi capacitado por Martin Valverde, em 1992, no Carnaval: *“Ele conduziu a fogueira, tudo, e aí em 92, em outubro, a gente fez o primeiro acampamento”* (ARAÚJO JR., 2019).

Em 1993, quando organizaram o *show* de Valverde no ginásio Chico Neto<sup>19</sup>, em Maringá, o grupo que fez o acampamento foi denominado de Mais Vida, segundo Araújo Jr. (2019), que ressalta: *“Praticamente a gente saiu do grupo Cristi e daí fundamos o Mais Vida. Também não era Mais Vida, era Projeto Vida”*. O nome, sugere o entrevistado, deve-se ao fato de o grupo propor por meio de seus acampamentos e acompanhamento de formação espiritual e pessoal uma melhor qualidade de vida, mas podemos conjecturar que “Projeto Mais Vida” também sugere dar mais vida ao catolicismo em Maringá, apresentando uma nova dinâmica de prática católica em grupo na cidade. Isso pode ser percebido no logo do grupo (Imagem 1), em que há uma circunferência alaranjada, como um sol, referindo-se à luz, e que também pode ser assimilado ao desenho da Eucaristia.

**Imagem 1 - Logo Projeto Mais Vida**



Fonte: Disponível em: <<http://arquiocesedemaringa.org.br/pastorais/29/projeto-mais-vida-hallel>>. Acesso em: 14 de jul. de 2021.

<sup>19</sup> O Chico Neto é o ginásio de Esportes de Maringá e está localizado na Vila Olímpica, ou Complexo Esportivo Jaime Canet Júnior, local que torna a cidade um centro de referência para o esporte na região. Disponível em: <<http://www2.maringa.pr.gov.br/turismo/?cod=atrativos-turisticos/6>>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

O Projeto Mais Vida, a partir desse rompimento com o Grupo Cristi, passa a utilizar a linguagem do querigma<sup>20</sup>, que é o uso das perspectivas de amor de Deus, pecado e salvação, conversão do Espírito Santo e comunidade. Segundo Araújo Jr. (2019), o querigma é usado pelos cristãos como o Anúncio da Verdade. Nesse sentido, o grupo utiliza os acampamentos para apresentar o que é o amor de Deus, o pecado e a salvação, com intuito de conversão e vivência em comunidade. As atividades e características do grupo consistem em: Acampamento Nível I: para maiores de 21 anos; Encontros Mensais: etapas de formação espiritual; Acampamento Nível II; Reuniões abertas semanais; Organização de Missas; Ações Sociais<sup>21</sup>.

Considerando que o Projeto Mais Vida organiza o Hallel em Maringá, entrevistamos quatro integrantes do grupo para compreender suas motivações, dificuldades e visões quanto à realização do evento. Todas as entrevistas foram realizadas em 2019, entre os meses de agosto e dezembro, e buscamos entrevistar membros que estavam desde a primeira edição do Hallel em Maringá até os mais recentes envolvidos na coordenação do evento. O primeiro, Mauro Pereira Menegazzo Silva<sup>22</sup>, conhecemos durante a participação nos acampamentos de 2018, no feriado do dia 15 de novembro – Proclamação da República –; o segundo, Olavo Rodrigues Araújo Júnior<sup>23</sup>, foi

<sup>20</sup> O *kerigma*, traduzido para o português como querigma (do grego, “mensagem”), é percebido como o “primeiro anúncio” da “boa nova” de Cristo, ou seja, a mensagem para a salvação. O querigma carismático tem como base: I-O amor de Deus; II-A consciência do pecado; III-Jesus Salvador; IV-Fé e conversão; V-Unção do Espírito Santo de Deus; VI-Viver em comunidade; VII-Testemunho de vida e transformação social. Esse último detém neste momento nossa atenção. LAURIOCIO, Jeronimo. Querigma. *Paulus*. Disponível em: <[https://www.paulus.com.br/portal/colunista/jeronimo-lauricio/o-querigma-o-primeiro-anuncio-da-boa-nova-de-cristo.html#.Xn\\_gYThKjIU](https://www.paulus.com.br/portal/colunista/jeronimo-lauricio/o-querigma-o-primeiro-anuncio-da-boa-nova-de-cristo.html#.Xn_gYThKjIU)>. Acesso em: 2 de abr. de 2020.

<sup>21</sup> O Projeto Mais Vida foi responsável por fundar o Maringá Recuperação de Vidas (Marev), uma das principais entidades para recuperação de dependentes químicos. Atualmente uma entidade autônoma.

<sup>22</sup> A primeira entrevista, com Menegazzo Silva, engenheiro civil aposentado de 62 anos de idade, foi realizada em 27 de agosto de 2019. Católico, ele pertencia ao grupo Cristi, mas depois de participar do terceiro acampamento juntou-se ao Projeto Mais Vida, e atualmente contabiliza mais de 25 anos de projeto. Menegazzo Silva geralmente colabora como assessor das tribos e comunidades que se formam nos acampamentos, realizando pregações e outras atividades. Participou tanto da realização dos *shows* do Martin Valverde, em conjunto com o projeto, quanto da primeira edição do evento. No Hallel assumiu principalmente a função de coordenador da estrutura – montagem de palcos, estandes, barracas – e é um dos membros fundadores do Associação Maringá Apoiando a Recuperação de Vidas (Marev) e diretor da entidade.

<sup>23</sup> Olavo Rodrigues Araújo Júnior foi entrevistado em dia 1º de outubro de 2019. Araújo Jr., 53 anos de idade, é formado em Agronomia pela UEM, mas posteriormente formou-se em Psicologia pela faculdade Cesumar, atual Unicesumar, e é este seu ramo de atuação. De família católica, participou do Grupo Cristi, da mesma forma que Menegazzo Silva, mas, durante os acampamentos

mencionado pelo nosso primeiro entrevistado como um dos principais organizadores, tanto do Projeto Mais Vida quanto do Hallel. Já Cirlei Aparecida Ganeo<sup>24</sup>, nossa terceira entrevistada, foi nosso primeiro contato do Projeto Mais Vida para saber mais sobre o Hallel, e em 2014 foi uma das coordenadoras do evento; nossa última entrevista foi realizada com Alberto Haddad<sup>25</sup>, coordenador geral do Hallel em 2018 e vice-coordenador no ano seguinte. Quando entramos em contato com os entrevistados, o

dos encontros de evangelização, decidi, em conjunto com outras pessoas, formar o Projeto Mais Vida, isso em 1992. O psicólogo foi um dos responsáveis por trazer o Hallel para Maringá, em 1995, atuando como coordenador dessa primeira edição, na qual esteve até o ano 2000 de maneira consecutiva. Geralmente Araújo Jr. está na programação do Hallel como palestrante, e não raro o vemos no Palco Central falando sobre os primeiros anos de organização. Participa ainda como palestrante de retiros como o Renascer, além de trabalhar com músicos do cenário católico, como Martin Valverde e Míguele, por meio de sua gravadora. Foi Olavo Araújo Jr, que em 1995, participava de encontros da Evangelização 2000, eventos de música católica e possuía relações próximas a filha de Maria Theodora Lemos Silveira - idealizadora do Hallel de Franca (1988-2020) recebendo assim o convite para realizar o evento em Maringá, que foi aceito desde que os demais membros do Projeto Mais Vida também apoiassem a ideia, e sobretudo tivessem a autorização de Dom Jaime.

<sup>24</sup> Cirlei Aparecida Ganeo, 57 anos de idade, terceira entrevistada, isso no dia 11 de dezembro de 2019, é formada em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mudou para Maringá depois de passar no concurso público para bibliotecária. Ganeo diz que atualmente se dedica integralmente ao Projeto Mais Vida como tesoureira. Criada na religião católica, sempre envolvida nos movimentos, em Londrina começou na Legião de Maria<sup>24</sup>. Já estabelecida em Maringá, acabou entrando na Renovação Carismática, e em 1996 fez o primeiro acampamento, mas apenas deu continuidade fazendo o acampamento 2 em 1999, quando participou do primeiro Hallel. Na época foi coordenadora do Módulo de Santos. Depois de três anos nesse módulo, começou a coordenar o espaço das livrarias, onde ficou aproximadamente 6 anos, até que passou para a coordenação geral dos módulos. Depois, passou a fazer parte da coordenação geral ou da vice-coordenação. Nos últimos anos, Ganeo ajudou de modo mais geral, sem uma atribuição específica, mas continua ativa no Projeto Mais Vida e, de forma esporádica, frequenta os encontros da RCC.

<sup>25</sup> Alberto Haddad foi o único com quem não conversamos em sua residência, e sim em seu local de trabalho, foi entrevistado em 19 de dezembro de 2019. Haddad, 52 anos, é graduado em Direito pela UEM e atua como advogado, além de ser empresário. De família católica, assim como os outros entrevistados, entrou no Projeto Mais Vida a convite de um amigo para o acampamento, Paulo Guerra, já falecido. Em 2020, Haddad completaria 17 anos de Projeto. Sua participação no Hallel foi progressiva, começando com uma missão em comunidade para cuidar do Módulo Acampamento. Depois, passou para a venda de camisetas, participou do *marketing* e da imprensa do Hallel, e por fim revezou com Ganeo por diversos anos entre coordenação e vice-coordenação, com exceção da edição 25, em que foi vice-coordenador, tendo Anna Cláudia Vilha como coordenadora. Além de exercer a coordenação do Projeto Mais Vida, ele tem como missão a participação em uma ONG, chamada Recanto Mundo Jovem, uma casa de repouso para dependentes químicos.

roteiro de entrevista já prescrevia que eles tinham de estar cientes sobre as questões que seriam abordadas durante a conversa.

Todos os entrevistados têm o Projeto Mais Vida como uma das principais atividades dentro da Igreja católica em Maringá, participando de assessorias das tribos e comunidades formadas no acampamento, realizando pregações nas etapas e ainda participando de alguma forma na organização do Hallel. Nesse sentido, quando partimos da História Oral para analisar o evento, devemos considerar que este ainda é uma realidade vivenciada pelos participantes, pois durante as entrevistas as memórias ainda estavam sendo reproduzidas, recontadas, revividas, não havia um ciclo findado. Tais memórias são um trabalho da própria memória em si, “Ou seja: cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização” (POLLAK, 1992, p.7). Visto isso, passamos a traçar as feições do Hallel na cidade de Maringá com base nas perspectivas de nossos entrevistados, e um dos traços é o Mais Vida, por conta de seu caráter organizador.

Ao realizarmos as entrevistas de história oral com os organizadores Cirlei A. Ganeo, Mauro P. Menegazzo Silva, Olavo R. Araújo Júnior e Alberto Haddad, em 2019, repete-se a narrativa que o Projeto Mais Vida era o grupo autorizado a convidar outros movimentos para o evento, e que eles possuíam autorização para falar em nome da Igreja católica, considerando que o Hallel era citado pelos entrevistados como um evento da/para Igreja. A identidade católica e o respeito a hierarquia são constatados na seguinte fala de Araújo Jr. (2019)

temos que respeitar a Igreja. Porque não é evento comercial, não é evento nosso. E fui pro meu quarto orar né. Eu tenho pouco esse costume de ir pro meu quarto e tirar a palavra, mas naquele dia eu tava no meu quarto, com minha Bíblia lá, e eu peguei e abri a Bíblia. E, pra minha surpresa, eu abri a Bíblia no Salmo 150, que é o Salmo que tem um título “Aleluia”, e se você tirar a palavrinha, se colocar um h na frente fica haleluia. Aleluia em aramaico significa Hallel, e eu comecei a ler o Salmo e Versículo 1 tinha um asterisco. Eu li o Salmo completo e depois eu fui no rodapé entender o significado do asterisco e tinha a palavra Hallel. Aí eu falei assim, “Deus, pera aí, deixa eu, vamos... vamos conversar aqui, vamos negociar [risos]”. Vou falar com Dom Jaime sobre o Hallel, nunca tinha visto

essa palavra na Bíblia, o dia que vou falar com ele sobre o Hallel eu abro no Salmo que fala do Hallel. Então, é, foi surpreendente ver muita gente no Hallel. Me emocionei muito porque surpreendeu [pausa] um plano nosso. Mas, é, a maior surpresa foi ver que realmente Deus tava totalmente mergulhado e apoiando o Projeto. (ARAÚJO JR., 2019).

A hierarquia fazia valer a adesão dos movimentos leigos necessariamente de acordo com os objetivos pastorais definidos por ela, ainda que houvesse o enfraquecimento da capacidade em impor por alto um regime institucional de validação do crer. Se por um lado a instituição valida a realização do Hallel como um local para que a juventude compreende a importância de sua atuação na Igreja católica, o discurso dos organizadores que começaram a realizar o evento quando jovens enfatizam como a música e a vivência em grupo possibilitaram uma conversão. Todos os entrevistados nasceram e foram batizados na Igreja católica, mas constataam que é a participação e atividades de movimentos como o Projeto Mais Vida que fortalecem suas experiências com sagrado. Nesse sentido, realizar o Hallel é um meio de proporcionar aquilo que eles mesmos haviam vivenciado, a conversão e reaproximação com a Igreja católica.

Quando conversamos com os organizadores, eles exprimiram o quão laborioso é organizar essa festa. Haddad (2019) menciona que o Hallel é uma empresa, que abre no começo do ano e encerra apenas em seu final, e ressalta que uma das questões fundamentais para o evento, além do apoio e do trabalho de Dom Anuar, era a dedicação da equipe, o que parece ser exaustivo e toma um grande tempo da vida desses coordenadores. Isso é apontado por Menegazzo Silva (2019) ao demonstrar sua experiência como coordenador da estrutura: *“Eu dedicava das minhas férias uma semana antes e uma semana depois, eu sempre cuidava dessa parte, até 10 anos atrás eu cuidei da parte da estrutura do Hallel e era muito arcaico, muito. Nós não tínhamos a impressão digital, né?”* (MENEGAZZO SILVA, 2019). Esse cansaço é melhor evidenciado nas falas de Araújo Jr. (2019) e Ganeo (2009), entretanto, argumentam que o esforço é retribuído. Seguimos com fragmentos das entrevistas dos coordenadores, que também esboçam os motivos por realizarem e continuarem o Hallel:

Então, imagina você ser canal de proporcionar algo que tá de acordo com a vontade de Deus, né. Você proporcionar algo pra pessoa é conhecer mais a Deus, amar mais a Deus, conhecer-se mais, amar-se mais, respeitar o próximo. É muito gratificante né, proporcionar algo que... que vai gerar

paz, que vai gerar é amor na família, amor entre relacionamentos, com respeito e dignidade. Então, você ser canal de levar valores pra uma sociedade mais justa, mais fraterna, mais respeitosa, mais preocupada com próximo. É... é maravilhoso assim, você poder junto com tanta gente, né, éh, provocar um encontro né. Imagina, quantos Halleis, eu fico pensando assim, éh, quanta gente que foi naquele Parque e que experimentou uma paz que, tá na Palavra isso, “A paz que eu vos dou o mundo não pode dar”. Jesus falou isso na Palavra quando tava aqui na terra, “A paz que eu vos dou o mundo não dá”. E quanta que pisou naquele Parque e que experimentou essa paz. Então, pera aí, juntou um bando de gente doida que nem conhecia a Deus, organiza um evento, a pessoa entra no Parque pra experimentar o que elas falam de Deus, que coisa mais gostosa. Que vontade de buscar esse Deus, que vontade de... de entregar minha vida pra esse Deus, Dele conduzir minha vida, de...de me conhecer mais. Então, pega 25 anos, né, não sei quantas mil pessoas, mas não sei que percentual também. Gente que entrou lá e saiu o melhor. E saber que Deus quis contar com a gente pra proporcionar isso, porque Deus podia fazer diferente. Poderia chamar outras pessoas. Não é mérito de ninguém, mas é um privilégio. Você me perguntou: “Como é pra você realizar?”. É um privilégio, né. E eu sei que não é força minha, da nossa equipe, nada, é Deus que quis. Então, trabalhar com Deus, pra Deus, vira... vira uma forma de viver. Vira uma... não é, eu sou tagarela, não tem jeito, mas assim, Deus não me chamou, Deus... Deus não me contratou pra fazer nada pra Ele, Deus me salvou. Deus falou: “Filho, vamos viver de verdade, vamos trabalhar nesta terra que a vida [estalo] é muita rápida”. Fazer as coisas é uma consequência disso. Eu não estaria fazendo coisas há 28 anos se não fosse uma experiência muito forte com Deus. Teria parado no meio do caminho [risos], seguir Jesus não é prova de... de velocidade, é de resistência, entende?! Não é só gostoso, também é... também sacrificante, eu sei todo o cansaço. Mas é tão prazeroso

proporcionar isso, que você não mede esforço, sabe. Por quê? Porque você vê seus irmãos ali, você vai, seres humanos, é, experimentando algo maravilhoso. Então, é muito gratificante. Eu nem sei se essa palavra consegue resumir, entende?! Mas é só... fazer o Hallel significa louvar e agradecer a Deus [risos], é isso que me vem. Eu louvo e agradeço a Deus por poder fazer um evento de louvor. (ARAÚJO JR., 2019).

Então, eu me sinto usada por Deus. Porque assim, se fosse pela minha vontade, eu mesma já falei muitas vezes: “Ah, gente não vamos fazer esse ano não!”. É muito trabalho. É muito desgaste! Eeee... e aí já teve anos que eu tava na coordenação do Projeto Mais Vida, eu falei assim: “A gente não vamos fazer esse ano não... vamo dar um... um... uma pausa, né. Vamos dar um fôlego!”. E aí o pessoal falou: “Não, não vamos fazer e tal!”. Fica aquela animação e... e parece que o pessoal engrossa, não quer ficar sem. E daí vai. E aí eu acabo sendo tocada pra fazer de novo, e aí a gente começa tudo de novo e vai. Então eu sinto assim, é muita vontade de Deus. E... e eu vejo assim, vou ser obediente, se Ele quer, então vamos! Porque toda vez que a gente pensa em não fazer, parece que vem alguém e dá aquela injeção assim. Então eu vejo assim, Deus quer que nós façamos, então vamos fazer. E aí eu trabalho dessa forma! Porque se fosse pelo... pelo meu humano eu já tinha saído. [risos]. Eu já ti... tava fora, mas eu sinto assim, é Deus pedindo assim: “Pensa naquelas pessoas que não, que não tem outra, uma outra oportunidade de Me conhecer, é aqui que ele vai Me conhecer, é aqui que ele vai ser tocado”. Então por essa pessoa vale a pena, por essa ovelha perdida vale a pena! (GANEIO, 2019).

O significado do Hallel é, pra mim, pessoalmente, é realização, é ver um sonho que nós tivemos lá numa noite fria, há 26 anos atrás, materializado. Materializado nós estávamos ali em 6,7 jovens. Então, numa idade variada

entre 20 anos a 30 anos e sonhamos... sonhamos com quatro mil pessoas, no primeiro evento teve 10 mil pessoas. Depois foi aumentando, foi aumentando esse sonho, chegou abarcar 140 mil pessoas em dois dias. Então, o Hallel pra mim é a realização de um sonho, o Hallel pra mim é... é um meio de Deus que se mostrar às pessoas, o Hallel pra mim é a certeza de que Deus toca essas pessoas. Porque você vê com o passar das horas no dia do Hallel, sobretudo no domingo, como o semblante das pessoas vai ficando dócil, né. Como as pessoas tão com os olhos mais inchados de tanto chorar, chorar... de chorar de alegria, chora de saber que poderia estar aproveitando aquele ali há mais tempo, sabe. Sabe o “Tarde te amei” do Agostinho, “tarde te amei a beleza tão antiga é tão nova tarde demais eu te falei”, é isso, sabe! Mas é pra ser naquela hora, era pra ser naquele dia, tinha que ser naquele dia, e só aconteceu aquele dia porque um sonho foi realizado, só aconteceu naquele dia porque jovens sonharam um sonho, só aconteceu naquele dia porque sonhando juntos conseguiram materializar um sonho. Então, Hallel é importante por causa disso, ele é importante porque ele marca a união, ele marca o acreditar de um Deus louco num bando de loucos, né. Num bando de jovens que... que se dispuseram a viver essa loucura da cruz que Paulo fala, a loucura da cruz... a loucura da cruz é uma coisa muito louca, né. Então, já que somos loucos, a loucura para loucos, o Hallel nos permite viver essa loucura. Hallel, ele é... é manancial, é a fonte para você ir beber... beber... beber... beber. É alimento, lugar da Palavra, lugar de você servir à Palavra, lugar de você viver a Palavra, lugar de você acolher, lugar de você sentir amor, de você dar amor, de você ser amor, né, o cuidado decorando cada coisinha, isso é amor, isso é amar. Arruma as cadeiras certinhas, acordar cedo, montar tudo aquilo, ter que desmontar tudo aquilo, isso é amor. É muito que a gente faz? Puta, a gente recebe muito mais, muito mais. (MENEGAZZO SILVA, 2019).

O aspecto mais importante do Hallel, a maior importância do Hallel é fazer uma experiência pessoal, única e individual com Deus. Transcender um pouco. E ver um pouquinho de uma dimensão daquilo que é céu, aqui, por aqui. Porque na verdade a gente não tem ideia de como que é. A gente viver isso, o amor de Deus, o amor de Deus ali, de tá junto, de... de fazer acontecer aquilo que toca as pessoas profundamente dentro do coração delas, isso é o importante. As pessoas serem tocadas de alguma forma, independente da religião, da religiosidade e até mesmo da espiritualidade delas. (HADDAD, 2019).

As falas acima traduzem bem o que significa o evento para quem o organiza, mesmo que haja certa ênfase de que há pessoas que vão apenas para o *show* e que procuraram o Hallel apenas para se divertir. Um exemplo é um rapaz que participou do Hallel chamado Wellington, que ao entrar na caravana para ir ao evento apenas para se divertir ou “*conhecer as meninhas*”, como ressalta Ganeo (2019), foi convertido no momento do Santíssimo, pois ali ele viu Jesus. Então, todos os coordenadores chegam ao consenso de que a música é fundamental para que os participantes procurem o Hallel, mas o que os motivam é a evangelização e a conversão das pessoas. Araújo Jr. (2019) expõe ainda que a música é e sempre foi um instrumento muito utilizado para falar com Deus.

Todos os entrevistados afirmam que a música é um meio que atinge mais os jovens, pois as formas mais tradicionais, como a leitura da Bíblia, são cada vez mais raras entre os jovens. Mesmo considerando que a maioria dos jovens buscam esses *shows*, para os organizadores o mais importante é a aproximação desse público com Deus, ou seja, são mecanismos. Somado as questões apontadas, ainda enfatizam que a adesão dos jovens seria que apesar de serem um grupo mais afastado da religião, são mais abertos a provar as coisas, por isso métodos como os do Hallel são tão assimilados e aceitos. Araújo Jr. (2019) narra:

Acho que o jovem, ele tá muito aberto a desbravar né. Ele não tá com... ele não fechou ainda. Ele não fechou. Depois que a pessoa fica mais madura, ela diz: “Ah não, pra vai ser assim e assim minha vida!”. Entendeu?! Mas o jovem é. Porque o jovem é, vai ser muita mudança. Ele vai ter muito escolha, vai ter muita opção, entende?! Então, ele vai na

balada e ele acha legal. De repente ele também vai no culto, ele também acha legal. Ele vai num... numa missa mais animada e acha legal. Ele escuta uma música ou alguém fala: “Vamo em tal lugar que vai ser assim, assado”. Ele... e ele vai pra... ele vai pra conhecer. Talvez ele nem sabe que vai conhecer direito, mas como o amigo dele convidou, ele vai. Então, o jovem, ele tá aberto. Tá aí na, até pra conhecer o mundo. E o Hallel é uma... é uma das opções assim, né. Então, por isso que eu acho que o jovem daí, ele gosta de sair, ele gosta de música, ele gosta de movimento. Eu acho que é por isso que ativa tanto jovem. O Hallel, né. E é muito oportuno, porque tem tanta coisa que hoje, né, que jovem é oferecida, que machuca tanto, né. Então, na verdade, é, cabe a nós, né, oferecer algo, não é criticar o que machuca o jovem, mas é oferecer algo de qualidade pra ele. Daí ele escolhe, né. Então, e aí se eles vão, e se eles gostam, né, eles vão sentir a diferença. E aí vão também convidar os amigos. E é essa a corrente. (ARAÚJO JR, 2019).

Desse modo, os organizadores ressaltam que realizar o Hallel é uma maneira de propiciar meios saudáveis e que não são do mundo. Um dos episódios sobre o evento, narrado por Menegazzo Silva, esboça esse caráter desviante dos propósitos de Deus e como o Hallel visa a uma contenção desses desvios:

As experiências que nós tivemos enquanto nós tivemos o módulo do rock aqui no Hallel Maringá foram muito satisfatórias, sabe. De você ver multidão de jovens, eu me lembro foi um “pacotasso”, quase 5 quilos desses de açúcar, sabe, cheio de coisa ruim, de drogas que foram sendo jogadas numa condução do padre Julinho, foram sendo jogadas para cima do palco, catamos tudo aquilo ali e demos fim naquilo, né. Então é um movimento assim, que quem faz essa experiência e se deixa tocar é transformador, né. (MENEGAZZO SILVA, 2019).

Assim, essas perspectivas revelam que o Hallel, para quem o organiza, é um modo diferente de viver a juventude e ser a juventude. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que para esses organizadores há um modo de viver antes da conversão nos propósitos de Cristo e um depois, e é nesse sentido que o Hallel é oferecido, para que esses jovens vivam essa fé.

As falas dos organizadores e suas vivências e experiências dentro da religião exprimem o que Hervieu-Léger (2008) retrata como a figura do “militante”, ligado à ideia de uma possível reconquista religiosa de um mundo secularizado, e que se aproxima, assim, da figura do “convertido”. Eles são convertidos, como jovens que se encontraram tardiamente dentro do catolicismo, mas também militantes, na medida em que querem disseminar essa possibilidade a toda uma juventude. Não é surpreendente, nesse sentido, que a figura do convertido se imponha como a figura modelo do crente, do lado das instituições religiosas, como conclui Hervieu-Léger (2008), e a autora destaca ainda que,

Na medida em que o contexto da secularização corrói as formas conformistas da participação religiosa, já desqualificadas pela valorização moderna da autonomia individual, a conversão é associada mais estreitamente do que nunca à ideia de uma intensidade de engajamento religioso que confirma a autenticidade da escolha pessoal do indivíduo. Converter-se é, em princípio, abraçar uma identidade religiosa em sua integridade. Se o desenvolvimento contemporâneo das conversões está em relação direta com o aumento geral de uma religião de voluntários, emancipados das exigências de uma religião de obrigações, ele envolve também esses últimos no caminho de uma radicalidade religiosa que a própria trajetória da conversão supõe implicar. Deste ponto de vista, as instituições religiosas não se contentam, por valorizarem a figura do convertido, em tomar ato fato de que a pertença religiosa não constitui mais, nas sociedades modernas, uma dimensão “normal” e imperativa da identidade individual. Elas pretendem, ao mesmo tempo, promover o regime intensivo da vida religiosa que aparece como única maneira que têm de resistir à maré continuamente em ascensão da indiferença religiosa. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.131).

Assim, a exemplo do Hallel, podemos esperar que o catolicismo, que vê no convertido uma testemunha da ação divina e conta com o apoio de seu testemunho na ação evangelizadora, tenha, com relação aos candidatos à conversão, uma atitude mais acolhedora.

### ***Terceiro grupo: os participantes***

Se o “convertido” parece ser a figura almejada pelo Hallel, ou seja, aquele que se conecta ou reconecta verdadeiramente com o catolicismo e que experiencia a prática religiosa como obrigatória, fixa e regida pela instituição, de caráter comunitário e estável, com suas repetições; durante a realização do evento é recorrente a figura do “peregrino”, isto é, aquele que vivencia a prática religiosa como voluntária, autônoma, variável, individual, móvel e de caráter excepcional. (HERVIEU-LÉGER, 2008). A autora apresenta dois modelos de sociabilidade onde tem-se de um lado a figura do “praticante e do outro, a do “peregrino”,

O que se distingue de maneira decisiva a figura do praticante e a do peregrino diz respeito ao grau de controle institucional presente em uma e em outra. O praticante se conforma a disposições fixas, que têm, por isso, um caráter de obrigação para todos os fiéis. Mesmo quando a observância é solitária, ela conversa uma dimensão comunitária. A prática peregrina, ao contrário, é uma prática voluntária e pessoal. Ela implica uma opção individual que mantém a primazia mesmo no caso em que a atividade assume uma forma coletiva. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.98).

Assim, o jovem católico que decide participar do Hallel, entre em um módulo e outro, inscreve seus passos nos das gerações que o precederam nos mesmos lugares, na tradição católica. Ainda assim, é uma prática facultativa, que depende de sua escolha pessoal. Possivelmente, essa seria uma condição em que muito dos participantes do Hallel de Maringá estariam vinculados, o de procurar novas formas de satisfação a suas necessidades, bem como conhecer e vivenciar essa manifestação individual e coletiva. Durante as edições de 2014 a 2019 estivemos no evento, observando e participando. Nos anos de 2016 a 2019, realizamos algumas pesquisas de opinião, no qual 495 pessoas responderam questões sobre idade, residência, religião, se já haviam participado de outras

religiões, e sobretudo quais eram as características e atividades que mais acreditava ser importante do evento.

Chegamos ao resultado de que 60,60% do público era feminino. 75,22% possuía a idade igual ou inferior a 25 anos, e 98% do público se declararam católicos. Considerando ainda o fenômeno de vivência e grupos, nos é revelado por meio dos visitantes as seguintes formas de como descobriram e conheceram o Hallel: 38,58% ficaram sabendo do evento por algum amigo, que por vezes é de algum grupo da Igreja católica; 31,11%, pelos grupos de oração e/ou grupo de jovens – isso evidencia a influência que os grupos têm em relação aos jovens –; apenas 12,32% responderam que ficaram sabendo pela internet; 9,29%, pela Igreja; 6,46%, por algum familiar; e 9,89% declararam respostas variadas, como namorado, ex-catequista, atrações, televisão, rádios, entre outras. Assim, muitos jovens se deslocavam por meio de caravanas e referiam-se ao evento como algo ímpar, um jeito diferente e menos tradicional de ser católico. Não que não houvesse pessoas que se juntavam apenas para compartilhar um momento festivo, mas era algo que pode ser visto por meio do vínculo afetivo, já que a maioria dos participantes revelava uma partilha religiosa em grupos e comunidades. É possível afirmar que as características do evento em módulos, as atividades que consistiam em adorações, louvor, música, missa, e mesmo os módulos são elementos que chamam a atenção do público, o que é ressaltado pelos participantes na pesquisa. Contudo, a atividade que mais aparece e é mais procurada são os *shows* citados 228 vezes, o que pode ser elencado como o principal fator de deslocamento desses jovens para a festa. Porém, não podemos perder de vista que vários participantes ressaltam preferir as pregações, a adoração e a missa.

Vivenciar essas experiências, para muitos, exigia algum esforço, em viagens de quilômetros de distância para estarem um dia ou dois no Hallel. São gastos com transporte, alimentação, estadia, além do cansaço físico e a disposição em investir o tempo no evento. Muitos oriundos do Norte Central paranaense, que abrange as regiões de Londrina e Maringá, indo até Cândido de Abreu – divisa com a Região Sudestes –, e o Noroeste, que compreende Paranavaí e Terra Rica, são os locais mais citados pelos participantes. Não podemos deixar de notar que a Região Oeste, com as cidades de Assis Chateaubriand, Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu (divisa com Argentina e Paraguai), e a Região Sudeste, com Prudentópolis e Rebouças, também apontam as peregrinações desses locais a Maringá. Todavia, as cidades não se restringem apenas ao Paraná. Frequentemente, algum animador perguntava do palco principal se “Tem alguém de São Paulo?”, e era possível ouvir a manifestação das caravanas de Presidente Prudente, Dracena e Teodoro Sampaio, como vemos no mapa. Sem contar as pessoas de Mato Grosso do Sul, como Dourados, Mundo Novo e Nova Andradina, e até do Paraguai –

em 2017 encontramos um grupo de quatro pessoas com uma bandeira do país vizinho, que nos informaram ser de Pedro Juan Caballero.

Percebemos emergir aqui, portanto, a figura típica do “religioso em movimento” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.89). A princípio, tal figura relaciona-se aos percursos espirituais individuais e organiza-se como uma trajetória de identificação religiosa. Em seguida, seria a associação temporária da sociabilidade religiosa, pois está em busca de algo que já não sabe o que é, de experimentações novas, mas sem necessariamente manter um vínculo definitivo com certas instituições. São os que chegam ao Hallel por vontade própria, mas que também saem por vontade própria, sem nenhum vínculo maior, apenas o de conhecer novas pessoas e vivenciar algum tipo de manifestação. Nesse sentido, a própria configuração em módulos também possibilita a figura do religioso em movimento, que por vezes, afirmam não participarem de todos os módulos, ou práticas por não associarem todas as suas crenças a tudo o que a instituição diz, ou a todas as atividades propostas.

Visto isso, é necessário ressaltar que para muitos o participar do Hallel está associado a uma mudança de vida. Recordamos um participante, que nos abordou enquanto estávamos conversando com um grupo da cidade paulista de Teodoro Sampaio, na Arena Central. Enquanto aguardávamos as várias pessoas do grupo escreverem suas percepções sobre o Hallel, ele se aproximou e perguntou se sabíamos com quem poderia conversar no evento para dar um testemunho. Dissemos que infelizmente não sabíamos. No papel que ele havia respondido sobre o que o Hallel significava, estava escrito, “*Significa muito, mudou a minha vida*”. Foi quando contou que no ano de 2012 estava passando por muitas dificuldades e viu um ônibus com um grupo que ia para algum lugar que ele não sabia ao certo, e foi transformado no Hallel. Ali ele encontrou um novo motivo para viver e, por isso, todos os anos se esforçava para realizar uma caravana e estar ali no evento. Ele não costumava ficar em outros módulos, gostava do Palco Central, e foi naquele local que, podemos concluir, o rapaz foi convertido.

As impressões narradas acima não são compartilhadas por todos. Contudo, para outros participantes, o evento pode ser visto como um “cristianismo estético” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.79) cujos vínculo e adesão de fé ou inserção comunitária existem, mas são muito pouco explícitos. É o caso daqueles que viam no Hallel “*A oportunidade de conhecer pessoa conhecidas nacionalmente*”, de conhecer “*As atrações*”. Mesmo aqueles que não mencionaram apenas procurar os *shows* partem da ideia enviesada por uma instituição menos formal, mais próxima dos jovens, com uma nova percepção polifônica, e não mais um uníssono, em que apenas os representantes do corpo eclesial entoam suas vozes e /ou se expressam de maneira mais evidente na religião. Diziam assim, alguns participantes, que a importância do Hallel está em “*aproximar a*

*presença de Jesus do povo, mostrando que a religião não é algo maçante” ou na “união de tantas pessoas de forma divertida”, em “colocar em prática com a Igreja; não precisa ser padronizada, missa, tradicional ‘chata”, pois “é um momento de curtir se se divertir, mas também para repensar sobre Deus”, sendo também uma “forma de estar mais perto e participativa da igreja”.*

Desse modo, para muitos o formato do Hallel é um meio de as pessoas terem novas experiências relacionadas à religião, ao sagrado, além de ser um momento para a conversão: *“por ser parecido com um festival, atrai pessoas que não são da Igreja, podendo convertê-las, o que é lindo”; “trazer muitos jovens para igreja”; “novas experiências dentro da religião”, “trazer o jovem para um novo olhar da religião”; “recuperar a juventude e trazer de volta para a Igreja”; “é uma maneira de fazer as pessoas voltarem a acreditar em Deus”; “pra mim é evento muito importante, porque aproxima jovens, mais perto de Deus e de Maria”; “evangelização, para que as pessoas tenham um encontro pessoal com Deus”. A busca é de “experiência com Cristo de forma dinâmica e direcionada ao público jovem”, de “intimidade com Deus (busca ao conhecimento melhor”, de “se divertir perto de Deus”, “adorar a Deus pela música”. Enfim, de “estar na presença do Senhor, com as pessoas que eu gosto e vivenciar tudo intensamente”. Essas falas, que sintetizam a maioria do pensamento dos indivíduos com os quais conversamos, corroboram que o Hallel é um momento de uma reunião de práticas religiosas católicas voltadas principalmente para a juventude.*

Essas “condições comunitárias de uma experiência religiosa pessoal e fortemente emocional” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.112) apontam para uma relação de conversão – *“já pensava em desistir de tudo e o Hallel me deu ânimo”,* resposta muito similar ao do rapaz que realizava as caravanas. Isso que nos faz observar que para alguns o Hallel é um meio para *“um novo conhecimento sobre a religião”, “trazer cultura católica e espiritualidade para jovens”, “nos manter informados um pouco sobre nossa religião e dizer o quanto Deus nos ama”,* ou seja, é um meio de falar sobre a religião católica, de *“aprendizagem, de aprender as coisas de Deus”.*

### **Considerações finais**

A partir do exposto até aqui, buscamos percorrer a história do Hallel, ao longo de 25 anos, compreendendo sua trajetória dentro de um processo mais amplo de interesse de aproximação da Igreja católica com públicos mais jovens. Para isso, levamos em consideração três grupos que compõem o movimento: a instituição (Igreja católica), os organizadores (Projeto Mais Vida) e os participantes (público geral). É visível que, apesar de serem setores e interesses distintos para aderir ao evento de música, se assemelham no que tange a busca pela experiência com o sagrado.

Dento do contexto apresentado, e considerando as perspectivas de Hervieu-Lèger (2008), podemos concluir se, por um lado, há a perda de fiéis católicos, especialmente os jovens, aliado a um cenário religioso no qual uma das principais

características é a autonomia individual na escolha das crenças, por outro, contatamos que o Hallel em Maringá consegue articular, dialogar e se aproximar desses grupos distintos.

Em Maringá percebemos uma Igreja católica marcada pela busca em manter-se vinculada a hierarquia, principalmente na organização de movimentos e frentes leigas. Se de um lado colabora para normatização desses movimentos, por outro também insere a instituição dentro dessas práticas. A instituição apoia e oficializa o Hallel por meio de narrativas n'O *Diário*, do *Livro Tombo da Arquidiocese*, nas redes sociais. Ela interage nos espaços no Hallel. Percebe como estratégico a realização de eventos que estejam direcionados aos jovens.

Na medida em que a autonomia de escolhas está posta, o que tange ao cenário religioso são as figuras de “peregrinos” e “convertidos” (HERVIEU-LÉGER, 2008), os participantes do evento podem atingir a máxima da proposta, que é encontrar no catolicismo um modo de viver, a conversão por meio dos módulos e atividades que ali são apresentadas, mas também podem ser “peregrinos” sem estabelecer um vínculo efetivo com uma prática institucional. Apesar da pluralidade de escolhas, observamos por parte dos organizadores a necessidade de uma identificação na qual o Hallel toma dimensões de um catolicismo militante.

Seus coordenadores buscam evangelizar, converter e propiciar meios por meio dos quais esses indivíduos possam conhecer e-se identificar com esse catolicismo. Tal como recorda Hervieu-Léger (2008), a pluralidade de escolhas não é suficiente para o crente moderno, afinal ele também busca o pertencimento a uma comunidade. Desse modo, percebemos que a criação do Hallel em Maringá e sua manutenção se deve em grande medida à possibilidade de uma conversão, de uma aproximação de jovens e adultos na religião, regulamentado e normatizado pela Igreja católica. No que tange os organizadores, observamos que a religião mesmo marcada pela perda de poder não deixa de influenciar perspectivas de realidade desses, questão essa constatado também no terceiro grupo. O Projeto Mais Vida faz valer a autoridade institucional, entretanto, o realizar o evento envolve suas próprias perspectivas religiosas, no qual há possibilidade de oferecer diversas atividades e cabe então aos participantes escolherem suas próprias práticas.

É possível dizer por meio das respostas dos participantes que o Hallel prova sua eficácia em ser um evento para juventude, mesmo aqueles que já não fazem mais parte desse grupo, apontam que o vínculo ocorreu quando ainda jovens. Voltamos a enfatizar que são os *shows*, a música, a diversão que salta aos olhos da maioria daqueles que buscam o evento. Indicando ser uma possibilidade de Igreja menos tradicional, regulamentada apenas por missas. Ao observar algumas narrativas, podemos constatar que o Hallel é

visto como uma válvula para mudança de percepções entre a relação indivíduo e sagrado. Por fim, concluímos que o Hallel em Maringá é um evento que corrobora na manutenção de identidade católica.

### Referências

- ALVES, André Luis Centofante. *A gestão social na atividade educacional religiosa: o caso da Hallel Escola no Brasil*. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. 200f. Franca, 2016.
- ARAÚJO JR. Olavo Rodrigues. *Olavo Rodrigues Araújo Júnior*. (depoimento, 2019). Maringá, HCIR- UEM, 2020.
- BISCHOFF, W. Décadas de música e fé. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. D-1, 03 de dez. 2016.
- BOSCH, David J. *Missão transformadora, mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS:EST, Sinodal, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CARRANZA, B.; MARIZ, C. Novas comunidades católicas: por que crescem? In:\_\_\_\_\_(Orgs.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias & letras, 2009, p. 139-170.
- DOM ANUAR. Hallel o teu Amor nos faz livres. In: *O Diário do Norte Do Paraná*. Maringá, p. A-2, 09 de nov. 2014.
- DOM JAIME, Hallel. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 02, 30 de jul.1995.
- EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Catolicismo e juventude: a história do Hallel em Maringá-PR (1995-2019)*. 164f. dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. -- Maringá, PR, 2020.
- EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Questionários Hallel Maringá 2016*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro Maringá-PR, 2016. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR). 04 de dez. de 2016.
- EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Questionários Hallel Maringá 2017*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro Maringá-PR, 2016. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 05 de nov. de 2017.
- EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Questionários Hallel Maringá 2018*. Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR, 2018. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 30 de set. de 2018.
- EMERENCIANO DA SILVA, Mariane Rosa. *Questionários Hallel Maringá 2019*, Parque de Exposição Francisco Feio Ribeiro, Maringá-PR, 2019. Trabalho de campo. (História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR), 06 de out. de 2019.

- FRAGA, Cecília. Hallel 2001 é um convite a alegria, diz dom Murilo. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 03, 01 de set. 2001.
- GANEIO, Cirlei Aparecida. *Cirlei Aparecida Ganeio* (depoimento, 2019). Maringá, HCIR-UEM, 2020.
- GARUTTI, Selson. *O Poder Do Anel Na Diocese De Maringá*. 2006, 111f. Tese (Mestrado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo – 2006.
- GONZAGA, Giovane Marrafon. *Memórias, notícias e espaços a presença das religiões Afro-Brasileiras em Maringá-PR (2000 - 2014)*, 2018, 157f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Maringá, Maringá- 2018.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCÓSÓ, István; KANTOR, Iris. Orgs. *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. [São Paulo : Hucitec : EDUSP : FAPESP : Imprensa Oficial do Estado , 2001](#).
- HADDAD, Alberto. *Alberto Haddad*. (depoimento, 2019). Maringá, HCIR- UEM, 2019.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- I Hallel de Maringá, In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá, p. 4, 29 de jul.1995.
- JOÃO PAULO II. Carta Apostólica Dilecti Amici del Papa Juan Pablo II a los jóvenes y a las jóvenes del mundo con ocasión del Año Internacional de la Juventud. *A Santa Sé*. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost\\_letters/1985/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_31031985\\_dilecti-amici.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1985/documents/hf_jp-ii_apl_31031985_dilecti-amici.html). Acesso em: 4 de mar. de 2020.
- JOÃO PAULO II. Carta Tertio Millenio Adveniente, 1994. *A Santa Sé*. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19631204\\_sacrosanctum-concilium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html)> Acesso em: 01 de jul. de 2019.
- LIVRO TOMBO Nº 2. Paróquia Nossa Senhora da Glória da Catedral de Maringá (1969- 2019).
- MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. In: *Tempo Social*. versão On-line. v.17 n.2 São Paulo nov. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103207020050000200011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103207020050000200011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 5 de mar. de 2020. .MORIN, Edgar. O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização. tradução Juremir Machado da Silva. 6 ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011
- MASSALI, Fábio. Uma presença constante. In: *O Diário do Norte do Paraná*. Maringá. p. D-2, 3 e 4 de set. de 2006.

- MENEGAZZO SILVA, Mauro. *Mauro Menegazzo Silva* (depoimento, 2019). Maringá, HCIR- UEM, 2020.
- PIERUCCI, Antônio Fávio. “Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. In: *Estudos Avançados*, p.17,28, 2004.
- PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998
- SILVEIRA, Maria Theodora Lemos. (Org.). *Hallel – som e vida: 20 anos! uma história a ser contada e cantada*. Franca: Hallel, 2007.